

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO
SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

SÉRIE ZOOLOGIA — Nº 93 — 2/IX/78

AVES TROCHILIDAE

RAMPHODON NAEVIUS FREITASI n.s.sp.

Augusto Ruschi
Museu Nacional

A new sub-species *Ramphodon naevius freitasi*, is described on the basis of 6 males and 1 female collected at Biological Stations: National Museum and Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, in Santa Teresa, and "CHAVES" locality in Santa Leopoldina at Espírito Santo, Brazil. The new sub-species is compared to *Ramphodon naevius naevius* (Dumont, 1818); the habitat where *R.n.f.* was collected is described.

INTRODUÇÃO

Até então, conhecia-se unicamente para o Brasil, em parte da Província Atlântica, desde o E. Santo até ao Rio Grande do Sul a presença da espécie *R. naevius*. Ainda no início deste século só nos Estados do E. Santo e Rio de Janeiro, apresentavam as duas espécies do Género em suas florestas, ou seja: *R. naevius* (Dumont, 1818) e *R. dohrnii* (Bourcier e Mulsant, 1852). Atualmente, só no E. Santo ainda podemos observar a presença das duas espécies, ambas muito raras em território espirito-santense, sendo que *R. dohrnii* que hoje só está presente na Fazenda Klabin e Reserva Biológica de Pinheiros, e no Sul da Bahia, e ainda conforme Ruschi, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, Sér. Prot. Nat. n.ºs 16A — 1954; n.º26 — 1965; n.º 29 — 1967 e no n.º especial do XXVII aniversário do MBML, sobre o eminente perigo de extinção dessa espécie.

Hoje, constatada ser *Ramphodon naevius* de Santa Teresa e Santa Leopoldina uma nova subespécie, e altamente ameaçada de extinção, pois está restrita a uma área de aproximadamente três mil hectares, situada nas citadas localidades. Muito propriamente temos ha vários anos sucitado que a região abrangida por Santa Teresa, distrito da Sede é um verdadeiro relicto para a fauna e flora, pois contamos com centenas de espécies endêmicas, motivo bastante para cuidados especiais de preservação dessas áreas, pois estão a cada dia mais ameaçadas de extinção, face ao desmatamento criminoso e incontrolado de toda a região montanhosa do E. Santo, para substituição das florestas regionais, em terrenos de declive acima de 40° já proibido seu desmate pela Lei maior, o Código Florestal, mas infelizmente desrespeitado pelo próprio órgão responsável pela sua aplicação, isso para que se venha a plantar espécies exóticas do

Gênero *Pinus*, onde toda a fauna local será destruída e juntamente a flora, vindo com tal prática o desenvolvimento de uma caminhada para a desertificação.

Com o exame do material de *Ramphodon naevius*, procedido por mim nos grandes Museus Norte Americanos, Europeus e dos Museus do Brasil, procedente dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás, e comparando-o com o material do Estado do Espírito Santo, facilmente levou-me sem qualquer dúvida a desmembrá-lo, destacando-o como uma nova subespécie, dedicando-a ao membro do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, colaborador assíduo em minhas excursões para estudos de beija-flores do Estado da Bahia, Sr. Raimundo de Freitas.

DESCRIÇÃO DO HOLÓTIPO: N.º 9004 e 607 da Col. Mus. Biol. M. Leitão — Col. A. Ruschi, 14.8.1943, Estação Biológica do Museu Nacional — Santa Teresa — E. Santo. Altitude 670ms. Nome vulgar: Beija-flor grande da mata. Bezourão. Nome Inglês: SAW-BILLED HERMIT. Lado dorsal: Bronze dourado escuro, sendo a fronte e o alto da cabeça mais escuro e opaco, penas com bordas fulva e cinta castanho escuro, menos nítidas que em *R.n.n.* sobrançelha e lados da garganta amarelo canela muito claro; mancha post ocular pequena, pardo enegrescida; retrizes centrais bronze purpura escuro, as sub-centrais bronze purpura escuro com a ponta amarelo canela claro, bem maior em *R.n.n.*, as demais também com larga porção da base bronze purpura escuro, que vai diminuindo para os pares laterais, enquanto a faixa terminal de cor canela claro aumenta. Lado ventral, com uma lista negra que vai do mento até a garganta; peito e barriga pardo enegrescido com margem das penas esbranquecidas, alargando-se em côr cinza no ventre; inferocaudas canela claro, com uma área discal pardo enegrescida. Maxila preta com unguis pouco saliente; mandíbula amarelo vivo com o terço apical negro. Peso 9,0grs. Cto. 150mm. A. 72mm. C. 53mm. B. 35mm.

Fêmea n.º 9003 e 608 da Col. Mus. Biol. M. Leitão — Col. A. Ruschi, 23.9.1956. E. Biológica do Museu Nacional. A fêmea tem a mesma coloração e intensidade de côr do macho, entretanto só uma pequena mancha no mento é negra, e não se prolonga até a garganta como no macho, é de porte menor. Peso 7,8grs. Cto. 145mm. A. 62 C. 47 B. 35. **PARATIPO** colecionado na mesma localidade: Macho n.º 9012 e 598 da Col. M.B.M.L. Cto. 160 A. 70 C. 54 B. 36. Peso 9,3grs. **MATERIAL** de S. Leopoldina, "Chaves"; N.º 9005 e 604 da Col. M.B.M.L. Peso 9,5grs. Cto. 148 A. 74 C. 52 B. 37; macho; N.º 9011 e 599 da Col. M.B.M.L. Peso 9,0grs. Cto. 148 A. 72 C. 53 B. 35, macho. Material de "Chaves", Santa Leopoldina, estudado no Museu Comparative Zoology Harvard University — 2.ª Série — N.º 273601 em 27.8.1942 Col. A. M. Olalia. A. 76 C. 63 B. 34; macho. N.º 273602 em 3.9.1942 Col. O. Pinto. A. 71 C. 56 B. 34; N.º 273600 em 25.8.1942. A. 78 C. 63 B. 35. macho.

Difere esta subespécie da típica: *Ramphodon naevius naevius*, pela coloração muito mais clara nos lados do pescoço e pela faixa central negra que parte do mento, que é muito menor e mais clara, tendo ainda a mancha post-ocular menor e enegrescida, e na *R.n.n.* é mais forte a cor negra. O Bico da fêmea é em *R.n.freitasii*, mais longo e no macho, pode chegar até 37mm. o que não se dá na espécie típica. Em *R.n.n.* a mandíbula tem 2/3 amarelo alaranjado.

HABITAT: Mata virgem de encosta da Província Atlântica no E. Santo, em altitude de 500 a 900 ms.

MIGRAÇÃO: é espécie sedentária.

**BIOTOPOS PARA: NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANÇO, PARADA
NUPCIAL e DORMIR**

Como *R.n.n.*, a subespécie *R.n.f.* sempre frequenta a mata virgem, sobrevoado os rios e córregos e também aí busca o local para nidificação, que sempre o pendura na extremidade de uma pinula da folha de palmeira, geralmente as palmeiras pertencem aos Gêneros: *Euterpe*, *Bactris*, *Astrocaryum* ou *Attalea*, contando-se nessas florestas em que vive, com as espécies: *Euterpe cœulis*, *Bactris setosa*, *Astrocaryum ayri* e *Attalea indaya*, hoje *Pindarea fastuosa*, desde a altura de 1,5 ms. até 16 ms. do solo. Só a fêmea trabalha no ninho, na incubação e no trato da prole; o ninho pertence ao primeiro Tipo da classificação de A. Ruschi, sendo confeccionado de fibras extraídas das margens das pinulas e do pecíolo das folhas de palmeiras, entrelaçadas em anastomoseado de maneira que se pode mesmo observar a postura através o trançado; é também de formato alongado, com as vezes uma cauda pendula colada junto a pinula, com mais de 30 cms. com tela de aranhas fixa um material constituído de fragmento de folhas secas, de raminhos finos e alguns líquens de coloração cinza esverdeada. Não é raro se observar que na mesma palmeira ocorra em outra folha, além do ninho de *R.n.n.* ou *R.n.f.* também o ninho de *Glaucis hirsuta abrawayae*. Isso também ocorre na região de *Ramphodon johrnii*, que pode ter na mesma palmeira seu ninho e de *Glaucis hirsuta*, ou ainda de *Threnetes* s.; já na Amazônia o ninho de *Threnetes*, pode ocorrer com o de *Glaucis hirsuta*, na mesma palmeira, sempre em folhas diversas. Os ovos são dois, brancos, medindo 16,5 x 11,5 em seus eixos maiores pesando 0,90 gfs. a 1,00 gr. A incubação é de 14 a 15 dias, e os jovens deixam o ninho com 22 dias. A fêmea para alimentar os jovens, desde o primeiro dia, sempre até ao quarto dia o faz, apoiando os pés na borda do ninho e sempre batendo as azas introduz o bico na boca do jovem; do quinto dia em diante não mais pousa na borda do ninho, e o alimento é ministrado ao jovem sempre em vôo de liberação, embora após alimentá-lo ainda pousa para aquecê-los. Sempre que a fêmea está no ninho a sua posição é uma só, mantendo o bico levantado contra a parede que está fixa na pinula da folha de palmeira e a cauda fica para fora do ninho em grande parte. Quando sopra o vento esse ninho balança e justamente o longo apêndice caudal abaixo da câmara oológica, lhe dá, o equilíbrio para mante-lo correto, sem que venha a despejar a postura. O Banho é tomado na água limpa do rio ou córrego, fazendo inicialmente o vôo de reconhecimento do local e em seguida mergulha por várias vezes, indo até um ramo para a higiene da plumagem; banham-se pela manhã bem cedo e a tarde; entretanto, também em horas de chuva, costumam aproveitá-la para o banho. A nidificação ocorre nos meses de outubro e novembro, mais raramente antes ou depois disso. Uma ou duas proles seguidas ao ano. Parada nupcial: sempre quando se passaram as fases de aproximação e de perseguição da fêmea, já mais intensamente é assinalado a fase de apresentação, com o canto que além do xé-xé-xé-xé-xé, repetido rapidamente num disparar por várias vezes, ha também o canto fraseado chilreado que é mais longo e cheio de modulações, inclusive com rápidos e altos assovios. Na fase de exibição de plumagem o macho ao cortejar a fêmea mais de perto, faz proeminente a linha de plumagem negra do mento e garganta, projetando-a para frente e com um pouco saliente também a parte amarelo canela claro dos laços do pescoço, e com a cauda totalmente aberta, emitindo sons chilreados e abrindo e fechando o bico, vôa em frente a fêmea, em liberação, para após seguirem ambos por sobre o rio ou córrego, onde em pouso pela floresta, se completa o acasalamento. Os jovens ao nascerem têm a pele completamente enegrescida, com as plumas das pterillas muito brancas. O canto, além do já explicado na parada, tam-

bém emitem o canto de melodia, que consiste quando em pouso no local preferido, a meia altura, dois ou três metros, em emaranhado, a cada dez minutos aproximadamente repete um assóvio muito alto, cuja frase é: fil-fli-fil, iniciando alto do primeiro e descendo em escala para o segundo e terceiro; algumas vezes esse assóvio, que é de duração de dois segundos, em caso de quatro repetições demora três segundos; assim pode ficar repetindo por mais de uma hora, num intervalo de 5 a dez minutos por frase. O descanso é também feito em ramo entre emaranhado, e ali passa por vezes horas como se estivesse dormindo, assim torna eriçada a plumagem do corpo. Para dormir também escolhe local bem abrigado e mantém a cabeça em posição normal de pouso um pouco com o bico em oblíquo para o alto. As flores mais visitadas são das famílias **Bromeliáceas, Acantáceas, Zingiberáceas, Leguminosas, Passifloráceas, Heliconiáceas Rubiáceas, Malváceas, Enoteráceas**, entre as principais. Quando em vôo pela mata, em seu trajeto, vai emitindo seu canto característico: xé-xé-xé-xé...

RELAÇÃO DO MATERIAL ESTUDADO DA ESPÉCIE TÍPICA: *Ramphodon naevius naevius* (Dumont, 1818)

Material das coleções dos Museus: Mello Leitão (MBML); Museu Nacional (MN da UFRJ); Museu de Zoologia (MZ) da USP; American Museum Natural History — N. York (AMNH); United States National Museum — Smithsonian Institution (USNM) Academy of Natural Sciences of Philadelphia (ANSP); British Museum (Natural History) — (BM); destacamos ainda nos Museus: AMNH a coleção de Ernst Kaepfer; no BM as peles estudadas e referidas estão com a numeração das coleções de Gould Natterer, Selater, R.J. Balston, Rogers & F.D.B.

MBML:

- N.º 9006 e 606 — 27.6.61 — Joinville-SC. Peso 9,5grs. Cto. 145 A.75 C.57 B.32. macho
Col. A. Ruschi.
- N.º 9007 e 602 — 18.7.61 — Joinv. SC. Peso 9,2grs. Cto. 145 A.76 C.58 B.34. macho
A. Ruschi.
- N.º 9008 e 600 — 10.7.61 — Joinv. SC. Peso 9,5grs. Cto. 150 A.80 C.55 B.33. macho
A. Ruschi.
- N.º 9009 e 605 — 14.7.61 — Joinv. SC. Peso 8,5grs. Cto. 150 A.70 C.50 B.32. macho
A. Ruschi.
- N.º 9010 e 601 — 26.6.56 — Rio J. Peso 9grs. Cto. 153 A.78 C.56 B.35. Col. A. Ruschi
macho.
- N.º 9013 e 603 — 17.5.35 — RJ — Cto. 140 A.74 C.54 B.35. Col. J. Rutherford.

As altitudes para Joinv. SC. foi de 80 ms. e Rio 50 ms.

MN da UFRJ:

- N.º 20380 — 2.7.41 — macho. A.73 C.62 B.35. Parati — RJ. H. Bérla.
- N.º 29793 — fêmea — 1964 — A.62 C.53 B.31. H. Ferreira. Mambucaba, RJ.
- N.º 18362 — Raiz da Serra — A.74 C.64 B.31. Snethlage.
- N.º 29778 — Repr. Rio Grande-RJ — 25.2.65. A.75 C.57 B.34. Col. Seabra. F. M Oliveira. Macho.

- N.º 31974 — macho, Rep. R. Grande-RJ — 25.4.71 — A.74 C.62 B.32. Seabra. F.M. Oliveira.
- N.º 31975 — macho, Rep. R. Grande-RJ — 22.4.71 — A.80 C.64 B.32. Seabra. F.M. Oliveira.
- N.º 31976 — macho, Rep. R. Grande-RJ — 23.4.71 — A.73 C.62 B.34. Seabra. F.M. Oliveira.
- N.º 31977 — macho, Rep. R. Grande-RJ — 23.4.71 — A.72 C.56 B.36. Seabra. F.M. Oliveira.
- N.º 18363 — Santa Catarina — A.72 C.64 B.30 — Col. H. Humboldt em 13.3.1929.
- N.º 20379 — 7-1941 — Parati-RJ — macho. Col. H. Berla.
- N.º 20381 — 7-1941 — Parati-RJ. fêmea. Col. H. Berla.
- N.ºs 18357, 58, 59, 60 e 61 — Sem procedência declarada, simplesmente Brasil.

MZ da USP:

- N.º 364 — 8-1899 — Alto da Serra-SP. fêmea. Col. Garbe.
- N.º 4.832 — 8-1904 — Alto da Serra SP. macho. Col. Garbe.
- N.º 5.222 — 2-1905 — Ubatuba-SP. macho. Col. Garbe.
- N.º 5.604 — 5-1905 — Ubatuba-SP. macho. Col. Garbe.
- N.º 15.874 — 9-1934 — Cananéa-SP. fêmea. Col. Camargo.
- N.º 15.875 — 8-1934 — Ilha do Cardoso-SP. macho. Col. Camargo.
- N.º 9.450 — S.P. fêmea.
- N.º 1.908 — 1900 — Col. Hansa-SC. Col. Ehrhardt.

AMNH de N. York:

1.ª Série:

- N.º 37.013 — Brasil — Exp. Bow. A.70 C.54 B.36. macho.
- N.º 46.184 — Brasil — A.71 C.55 B.33.
- N.º 37.011 — Cayenne — A.68 C.57 B.36. Col. Boucard.

Obs.: esse exemplar estou absolutamente certo que a procedência não está correta, pois jamais esta espécie foi encontrada ao Norte do E. Santo e fora do Brasil.

2.ª Série:

- N.º 478.685 — 1.11.1901 — S. Sebastião-SP. — Cto. A.62 C.50 B.31. fêmea.
- N.º 478.688 — Brasil — A.71 C.51 B.33.
- N.º 437.408 — Brasil — A.64 C.59 B.32.
- N.º 37.012 — Brasil — A.64 C.50 B.33.
- N.º 46.183 — Brasil — A.73 C.53 B.34.
- N.º 478.681 — 3-1905 — Ubatuba-SP. — A.65 C.47 B.32. Col. Garbe. Macho.
- N.º 478.683 — 10.6.1901 — S. Sebastião-SP. — Cto. 159 A.76 C.63 B.33. Col. Garbe. macho.
- N.º 478.682 — 21.6.1901 — S. Sebastião-SP. — Cto. 160 A.72 C.55 B.33. macho.
- N.º 478.684 — 11.6.1901 — S. Sebastião-SP. — Cto. 161. A.73 C.56 B.33. macho. Col. Garbe.

- N.º 478.686 — 17.8.1901 — S. Sebastião-SP. — Cto. 139. A.95 C.52 B.31. fêmea
Col. Garbe.
N.º 478.687 — Brasil — A.75 C.63 B.34. macho.

ERNST KAEPFER:

- N.º 314.045 — 3.6.1929 — Joinv.SC. — macho — A.73 C.61 B.32.
N.º 314.044 — 2.6.1929 — Joinv.SC. — fêmea — A.63 C.49 B.30
N.º 314043 — 28.5.1929 — Joinv.SC. — fêmea — A.66 C.43 B.31.
N.º 314.047 — 22.6.1929 — Joinv.SC. — A.65 C.52 B.32. fêmea.
N.º 314.046 — 19.6.1929 — Joinv.SC. — A.75 C.59 B.32. macho.
N.º 314.042 — 30.5.1929 — Joinv.SC. — macho. A.77 C.58 B.34.

USNM da Smithsonian Institution:

- N.º 84.197 — Brasil — A.70 C.54 B.36 — Col. A. Wolle.
N.º 24.787 — Brasil — A.70 C.54 B.36 — Col. Hermann.
N.º 148.984 — Brasil — A.73 C.52 B.32 — Col. C.H.B.
N.ºs 25.768; 15.782 e 14.305, sem procedência.

ANSP — Acad. Nat. Sci. Philadelphia:

- N.º 48.246 — Brasil — A.72 C.63 B.36. macho. Calvin Pardie doou.

MCZHU — Museu Comp. Zool. Hary. Univ.:

- N.º 20.052 — 21.3.1901 — macho — S. Sebastião-SP. A.73 C.58 B.36 — Col. A. Hempte
N.º 69.462 — 2-1915 — Rio de Jan. — A.73 C.61 B.34. Garbe.
N.º 95.854 — Brasil — A.78 C.62 B.35.
N.º 64.461 — 2-1915 — Rio de Janeiro — A.67 C.58 B.32. Col. A. Mameron Forb.
N.º 147.992 — 16.3.1930 — macho — Joinville-SC. — A.73 C.58 B.36. macho.
N.º 366 — SP — Kd. Mount. — A.75 C.58 B.36. macho.

BM — British Mus. Nat. Hist.:

- N.º 1.043 — 4-1895 — Rio — A.62 C.54 B.30. fêmea.
N.º 1.042 — 4.1.1895 — Rio — A.70 C.60 B.35.
N.º 1.881 — 22.3.1887 — Rio Claro-GO. — A.64 C.53 B.31. macho.
N.º 1887 — 3.22.18 — Rio Claro-GO. — A.65 C.55 B.35. macho.
S/N. 7.4.1818 — Rio Reg. Sai — A.62 C.57 B.28. fêmea Natterrer (Só c. mandibul
Selater — N.º 87-3-22-19. 1869 — Sta. Fé-MG. — A. 63 C.51 B.32. juv. Roger & Fo
R. J. Balston — N.º 953 — 20.3.1913 — A.66 C.53 B. partido. macho.

J. GOULD:

- N.º 21 — Rio Jan. A.71 C.61 B.36 macho.
N.º 22 — Rio Jan. A.70 C.60 B.34 macho.
N.º 23 — Rio Jan. A.73 C.65 B.35 macho.
N.º 24 — Rio Jan. A.62 C.53 B.32 fêmea.
N.º 25 — Rio Jan. A.64 C.54 B.32 fêmeas.